

O camelô das Ervas¹ (teatro de rua do século XIII)

(trad e nota introdutória: Jean Lauand)



Nota introdutória

A Idade Média é o âmbito do popular. Onde quer que haja manifestações culturais espontâneas do povo, aí teremos uma aproximação da cultura medieval. Diversos aspectos, por exemplo, da cultura popular do Brasil² de hoje assemelham-se à da Idade Média. É bem o caso do texto do século XIII cuja tradução da Parte I apresentamos a seguir: *O Pregão das Ervas, Le Dit de l'Herberie*, de autoria de Rutebeuf (+ ca. 1285).

Trata-se de uma composição para-teatral do gênero *mime* - um tipo de *sketch* muito apreciado na Idade Média. Nas atuais reencenações de teatro de rua medieval na França, o bufão vem acompanhado de uma ajudante, com quem interage (há fotos e vídeos em diversos sites, p. ex. em: <https://www.artscenesetcie.fr/la-compagnie/>).

O Pregão é do charlatão que atribui às suas ervas poderes milagrosos. Rutebeuf tem tal agudeza de observação que Chevallier³ chega a afirmar que *Le Dit de l'Herberie* é como uma fita gravada ao vivo no século XIII.

No *Pregão*, o camelô narra suas fantásticas viagens, enumera as doenças que suas plantas curam e - tal como seus colegas de hoje - promete prodígios sexuais⁴. Ao final, a mercadoria é oferecida por um preço extremamente barato. Teatro popular, teatro interativo: o público participa respondendo às interpelações do “vendedor”. O leitor atento observará as mil potencialidades que os atores pode explorar nessa composição satírica, sem métrica, quase um *rap avant la lettre*.

Na tradução (um tanto resumida), procuramos conjugar a fidelidade literal à fluência do discurso popular do personagem...

¹. O texto original, em francês medieval, encontra-se na coletânea de Albert Pauphilet: *Jeux et Sapience du Moyen Âge*, Paris, Gallimard, 1987.

². Popular ou, por vezes, popularesco... Note-se que no caso em questão, o do vendedor de ervas, ainda hoje (por exemplo, em São Paulo), podem ser vistos ambulantes vendendo ervas “medicinais” - camelôs muito semelhantes aos do séc. XIII, que também exploram a credence popular.

³. CHEVALLIER, Claude-Alain *Théâtre Comique du Moyen-Âge*, Paris, Union Générale d'éditions, 1973, p. 191.

⁴. Se bem que sua linguagem é mais crua do que as “sutis” indiretas dos ambulantes de nossos dias.

O Pregão das Ervas - parte I (em verso)

Rutebeuf (séc XIII)

Respeitáveis senhores, que me dais ouvidos
Grandes e pequenos, jovens ou vividos
Vós fostes pela sorte favorecidos

Pois ireis, agora, a verdade encontrar
Sabendo que este médico não vos pode enganar
Uma vez que por vós mesmos podeis comprovar

O poder destas ervas antes do fim
Vamos fazendo a roda em torno de mim
Sem ruído, em silêncio, é bem assim...

Eu, aqui, sou é pesquisador
E tenho servido a muito imperador
Até mesmo lá do Cairo, o senhor

Muito poderoso, ele faz questão
de me contratar todo verão
Pagando para mim um salariozão

Muitos mares em viagens eu já cruzei
E foi pela Moréia⁵ que eu voltei
Foi lá que medicina eu estudei

E passei por Salerno⁶
Buriana e Biterno⁷
Puglia, na Calábria, e até Palermo⁸

Coletando estas plantas prodigiosas
Que curam as doenças mais dolorosas
Doenças passageiras ou teimosas

⁵. Nome que se dava na Idade Média ao Peloponeso.

⁶. Salerno era célebre por sua escola de Medicina.

⁷. Cidades lendárias.

⁸. Em Rutebeuf, *Palerne*, que rima com *Byterne* e *Salerne*.

Fui consegui-las nas mais estranhas terras
Em vales perdidos, em ásperas serras
Onde o Preste João⁹ faz suas guerras

Estas preciosas pedras, por caminhos tortos
Vieram até vós de longínquos portos
E têm virtude até de levantar os mortos

Vede aqui estas ferritas
Diamantes, crispiritas
Grenázios, jagôncios e burlamitas¹⁰

Protegem contra cobra e cachorro louco
Coice de burro e, se acha pouco
A morte espantam, baratinho e ainda tem troco

E, dos quatro cantos do mundo, tem mais ainda
Ervas trazidas dos desertos da Índia
Da Riviera e da Lincoríndia

Esta é a mais rica e poderosa ervaria
Eu vo-lo garanto, por Santa Maria
Podeis confiar, eu vos enganaria?

Ervas que podem qualquer doença curar
Fazem o órgão do homem levantar
Enquanto o da mulher, fazem estreitar

Para quem quer ter uma vida sã
Toma hoje, cura amanhã
Qualquer mazela, febre terçã

⁹. Famoso personagem lendário da África ou da Ásia que teria um enclave cristão em meio de reinos pagãos ou infiéis.

¹⁰. O camelô joga com nomes imaginários e exóticos.

Este unguento milagroso, de repente
Elimina a dor, mesmo dor de dente
Você aplica e logo alívio sente

E a receita eu não vou ocultar
Merda de marmota você vai misturar
Com folhas de sicômoro e ajuntar

Na medida certa, senão é diarreia
Raiz de salgueiro com gordura de lampréia
E um pouco de excremento de puta véia¹¹

Basta um emplastro na bochecha aplicar
E os dentes com o suco você vai lavar
Durma um bocadinho e curado vai ficar

Sara o fígado, lesão, machucadura
Conserta osso, torcicolo e fratura
Pedra no rim, surdez... tudo cura

(O camelô, a partir de agora em prosa, prossegue gabando suas ervas e explica que não entrou no ramo por amor ao lucro, mas por sentimento humanitário e por ordem de sua dama etc.)



Recebido para publicação em 06-03-21; aceito em 08-04-21

¹¹. Naturalmente, o original escolhe nomes de plantas e animais que rimem. No caso, a folha do *plantain*, tanchagem, rima com *l'estront de la putain (bien ville)*.